

**A PSICOTERAPIA EM BUSCA DE DIONISO
NIETZSCHE VISITA FREUD**

Paulo César Lopes

A psicoterapia em busca de Dioniso. Nietzsche visita Freud.
São Paulo, Escuta-Educ, 1994, p.147. (Linhas de Fuga.)

"... Dioniso deve ensinar os homens a ver o que é preciso ver: o mais evidente sob o disfarce do mais invisível. Mas o que é mais evidente e, ao mesmo tempo, mais invisível? O devir incessante do mundo, que subverte todas as categorias lógicas ligadas à identidade, à essência" (p. 84).

Vemos emergir, do encontro Naffah-Freud-Nietzsche, a audaciosa proposta da construção de uma psicoterapia genealógica; tal audácia, por si só, já constitui uma atitude ímpar no campo das práticas clínicas. Naffah, através de seu percurso nômade como psicoterapeuta (psicodrama, psicanálise, filosofia) teorizando neste livro, nos convoca a refletir o clínico como uma ação num campo intensivo. Para isso o autor problematiza muitos dos conceitos clássicos de diversas correntes 'psi', utilizando-se de operadores conceituais extraídos da filosofia de Nietzsche.

A interlocução com Nietzsche, mas também com Espinosa, Deleuze, Guattari e outros, dá a Naffah, a meu ver, a possibilidade de se implicar com o que seria um plano intensivo na clínica. Esses autores foram, com efeito, contundentes críticos das totalizações, da moral, da redução do pensamento à representação e de toda e qualquer conceitualização na qual a vida e o ser sejam negligenciados de seu devir. Especialmente, entre eles, Guattari e Deleuze que, além do trabalho filosófico nesta direção,

desenvolveram também um amplo trabalho acerca da clínica (conceitual e pragmático), ampliando e problematizando as proposições psicanalíticas.

Entre os momentos mais instigantes do livro estão aqueles em que Naffah nos mostra a importância e o valor das forças subversivas, do devir, da personalidade multifacetada – toda uma visada que contribui para a emancipação da existência. A partir daí, nossa compreensão do psiquismo e também da clínica pode abrir-se para os movimentos de singularização, começar a ganhar corpo em sua dimensão de inventividade, de criação, de emergência.

Gostaria de destacar aqui apenas três movimentos que me parecem especialmente importantes na construção deste livro.

No primeiro movimento, vemos a idéia de personalidade sendo conceitualizada como: "O conjunto de qualidades ou características singulares que definem a esfera das máscaras, se entendermos por máscaras as múltiplas facetas que compõe uma subjetividade; (...) um campo de lutas e conflitos onde diferentes circui-

tos de forças buscam o domínio e o controle da *psykhé*" (p. 73 e 75).

Esta personalidade-subjetividade, segundo o autor constituir-se-ia de duas dimensões: uma dimensão extensiva, que implicaria experiências circunstanciais, históricas, representativas e identificatórias, as quais estariam relacionadas à sobrevivência e seriam comuns a todos os indivíduos; e uma dimensão de singularização, remetida às intensidades: forças plásticas e polivalentes, que fazem de cada vida, cada ato, cada palavra, uma experiência única, um devir incomparável.

No entanto, o que acontece na clínica é que nos vemos confrontados com uma dificuldade ou até uma impossibilidade – e isso tem uma longa trajetória histórica – dos indivíduos em conceberem-se como multiplicidade, devir, experimentação, construção, dada a angústia e o caráter terrorístico que tal concepção da existência pode produzir.

O segundo movimento acolherá, justamente, essa dimensão de captura da subjetividade que muitas vezes é engendrada por essa impossibilidade de suportar tal angústia e, disso, decorreria grande parte das quedas em estado de clínica. Daí o entendimento de Naffah, da psicopatologia como fruto das afecções produzidas nos seres vivos, em seus encontros, acontecimentos nos quais se afetaram mutuamente. O caráter doentio de tais afecções promoveria uma despontualização da capacidade de ação dos corpos/espíritos em questão. Além disso, a proliferação da moral e da culpa seriam grandes promotores da doença disseminada e posta como norma. Deste modo, teríamos caracterizado os estados de clínica. Entender a psicopatologia dessa perspectiva leva o autor a afirmar que: "É preciso assumir que, na formação das neuroses, se não fosse o caráter moral das forças dominantes, impondo códigos às forças dominadas e as tornando impotentes para alterar essa interpretação aperi-

sionante – num processo de controle e disciplina do devir caótico – dificilmente o conflito se cronificaria na forma de uma doença" (p. 127).

Para finalizar, o terceiro movimento que gostaria de destacar é aquele no qual o autor nos mostra como se realizaria o tratamento, de que maneira se poderia intervir nessa subjetividade capturada, propondo sua concepção de psicoterapia genealógica e/ou em busca de Dioniso.

Neste sentido, a psicoterapia visaria o desenvolvimento ou o des-enredamento da vida no desabrochar das suas formas, ou seja, sua tarefa fundamental é a de promover a transmutação dos valores. O terapeuta seria um instrumentador da mudança, ele serviria como guia nessa viagem pelo devir. O trabalho terapêutico consistiria, então, em detectar, na existência do paciente, pontos onde atuam forças potencializadoras e tentar encontrar meios para instrumentá-las em seu movimento subversivo, fomentando, desse modo, a eterna desconstrução-reconstrução da vida e a produção de um devir possível.

O psicoterapeuta-genealogista, segundo o autor, será um aliado incondicional das forças subversivas, pois ele deverá saber que são elas que podem restabelecer a riqueza multifacetária da subjetividade. A psicoterapia visaria ainda: "... acolher os circuitos e mapear os fluxos que os compõem, discriminando as forças ativas e as forças reativas, seus lugares, seu tipo de ação, seu sentido genealógico (...) – não nos esquecendo, é claro, que: todo mapeamento é provisório e parcial, na medida em que tenta cartografar forças em devir"(p. 97 e 98).

Desta perspectiva, se podemos falar ainda de interpretação, esta se efetuaria promovendo quebras nas crenças em representações – totalizadoras e constrictivas das forças vivas – que estariam impedindo a expansão da vida. A interpretação, enquanto operador analítico na

clínica, visaria, ainda, a produção-construção do sentido, e é isto o que lhe daria sua dimensão genealógica.

A psicoterapia, assim concebida, deverá fundamentalmente funcionar como suporte para as forças ativas, investindo-as sempre que elas se anunciem. E a subjetividade ganha cam-

pos e respiradouros vitais, compostos de flexibilidade, invenção e surpresa.

Paulo César Lopes é psicanalista, mestrando no Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP

PIERRE LÉVY E O COLETIVO PENSAnte HOMEM-COISAS

Maurício Manguiera

As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática, Pierre Lévy. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993. p. 203.

Não há dúvidas que o homem hoje já se encontra envolvido com a informática. É bem verdade que nós brasileiros convivemos com esta nova tecnologia ainda de maneira quase periférica. A entrada dos microcomputadores, computador pessoal, no mercado de massas, no final da década de 1970, foi o grande começo desse novo tempo bem como a mundialização de um novo, o tempo real. Com a mundialização desse novo dispositivo tecnológico, talvez a humanidade tenha dado início a uma grande revolução em sua história, tão profunda como foi a revolução neolítica, pois essa nova tecnologia intelectual multi-midiática irá reorganizar a visão de mundo de seus usuários, bem como modificar seus reflexos mentais. Pelo menos é isso o que pensa Pierre Lévy no livro *As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática*.

Neste primeiro livro traduzido para o português, composto de uma introdução, três capítulos e uma conclusão, Lévy percorre uma

problemática interessante, atual, abrangente, passando por vias as mais diversas, mas todas conectadas, que dizem respeito à produção do pensamento humano, ou melhor, a produção da humanidade e inumanidade do homem.

Pensar o homem, todos sabem, é tarefa árdua. Mas o autor o faz de maneira simples, o que não quer dizer fácil, e instigante. Para isto ele percorre um amplo espectro dos conhecimentos atuais: os estudos da psicologia da cognição, notadamente os trabalhos de Marvin Minsky e sua tese do psiquismo como uma sociedade cosmopolita; os de Howard Gardner e sua teoria das várias inteligências; os de Jerry Fodor, seguidor de Noam Chomsky, e suas modularidades da mente; passa pelos estudos antropológicos de Walter Ong, Leroi-Gourhan, Jack Goody, Robert Lafond, Mary Douglas e tantos outros; estudos sociológicos e históricos, notadamente sociologia e história das técnicas e formas de representar; estudos semióticos e sistêmicos, com Gregory Bateson;